

ESCRITA, MEMÓRIA E SOLIDÃO

Christine Ferreira (UFRJ/IPHAN)

(NOTHOMB, Amélie. *Metafísica dos tubos*. Rio de Janeiro: Record, 2003)

Em sua narrativa, **Metafísica dos tubos**, lançado no Brasil em 2003, a belga Amélie Nothomb põe em cena uma curiosa interrogação, ao manipular a interação entre real e ficção: é possível fazer uma autobiografia sobre a primeira infância, isto é, sobre o período fora de alcance da memória convencional?

Constantantemente denominada pela mídia brasileira e internacional como uma escritora de hábitos excêntricos, Nothomb tem, em **Metafísica dos tubos**, lançado em 2000 na Europa, o texto fundador de sua obra autobiográfica. Além disso, mostra-se também como o mais desafiador, em relação ao processo estabelecido entre escrita e memória. Primeiramente, a proposta de escrever um texto autobiográfico compreendido entre a idade de zero a três anos, época não alcançada pela memória consciente. Em segundo lugar, a existência de um narrador-tubo que se apresenta, nas páginas iniciais, como Deus. E, somente nas páginas seguintes, o leitor compreende que se trata de um bebê, pois Deus-tubo e bebê são o mesmo personagem e possuem a mesma identidade. Amélie Nothomb propõe ao leitor um relato de seus primeiros anos de infância no Japão, pondo em cena uma “metafísica dos tubos” que a faz compreender tanto o ser humano quanto a vida como tubos em constantes movimentos, de plenitude e de vazio.

Metafísica dos tubos caracteriza-se como narrativa central do painel de retalhos composto por suas obras autobiográficas, nas quais realidade e ficção se misturam constantemente, através de um discurso irônico alimentado de referências filosóficas. O compromisso autobiográfico nunca é assumido de maneira objetiva para o leitor; e é justamente esta característica que torna o texto nothombiano peculiar e interessante, somando-se à escrita ágil e ao repertório erudito da autora.

Ao ser indagada sobre os motivos que a levaram a escrever livros autobiográficos, Amélie Nothomb responde,



¹ZUMKIR,
Michel.
**Nothomb de
A à Z.**
2003:15.
Livro
tradução de
minha
autoria.

relacionando a escrita à solidão, que “quando encontramos alguém, não há especialmente nada a ser dito; porém, através da leitura, pode-se ir mais longe nas relações humanas”¹. Portanto, para Nothomb, escrever sobre si mesma é atravessar a distância que a separa dos outros indivíduos, estranhos ou familiares. A escrita autobiográfica, ao mesmo tempo que expõe sua autora, cria a possibilidade de conectá-la ao resto do mundo, como um grande tubo, amenizando o sentimento de solidão. A singularidade que torna cada indivíduo único, no caso da autobiografia, ao contrário de segregá-lo, torna-se motivo para aproximá-la dos desconhecidos que formam seu cada vez maior grupo de leitores. Falar de si para chegar ao outro, esta parece ser sua razão. E, paradoxalmente, falar do outro como inimigo, em seus textos. A dualidade conflituosa eu x outro é tema recorrente em sua obra, autobiográfica e ficcional.

Nascida em 1967, em Kobe, no Japão, Amélie Nothomb provém de aristocrática família belga, cujo patriarca, Patrick Nothomb, era embaixador da Bélgica no Japão na ocasião de seu nascimento. Seus primeiros cinco anos de vida em Kobe a marcam profundamente, o que resulta numa crise de identidade que tem na escrita autobiográfica um de seus grandes reflexos. Sua experiência de expatriada em conflito entre duas identidades culturais, belga e japonesa, não tem fim em terras japonesas. Por conta do serviço diplomático do pai, os deslocamentos contantes a fazem viver em países como China, Bangladesh, Birmânia, Laos e Nova York, até desembarcar aos dezessete anos na Bélgica, berço de sua família. O sentimento de expatriada e exilada, porém, parece não ter fim, visto que não cria raízes em parte alguma.

Após completar o curso de Filologia Romana, na Université Libre de Bruxelles, Amélie Nothomb retorna ao Japão como intérprete numa empresa japonesa, cuja experiência será retratada posteriormente no livro **Stupeur et tremblements**² (1999). Em busca de suas origens e do que ela chama de paraíso perdido, Nothomb procura no retorno ao Japão, depois de tantos anos, a unidade e a coerência ausentes em sua vida fragmentada por tantas viagens.

No ano de 1992, já de volta a Bruxelas, publica seu primeiro romance, **Hygiène de l'assassin**. No ano seguinte, seu

²Lançado no Brasil em 2001, com o título **Medo e submissão**, pela Editora Record. Em 2004, também deu origem ao filme **(Stupeur et tremblements)**, de produção francesa.



primeiro livro autobiográfico vem a público: **Le sabotage amoureux** (1993) relata seus anos de infância na China. As publicações continuam sucessivamente: a peça de teatro **Les combustibles** (1994), **Les catilinaires** (1995), **Péplum** (1996), **Attentat** (1997) e **Mercure** (1998). Porém, é somente com a publicação de **Stupeur et tremblements**, que lhe vale o *Grand prix du roman de l'Académie Française*, publica **Metafísica dos tubos (Métaphysique des tubes)**, sua terceira narrativa autobiográfica, onde relata seus primeiros anos no Japão de maneira irônica e pouco convencional, por se tratar de uma autobiografia passada entre zero e três anos de idade.

No que diz respeito à escrita autobiográfica, **Metafísica** apresenta aspectos que revelam tênues fronteiras entre real e ficção. Tanto para a crítica literária, quanto para o público leitor, a vida e a obra de Nothomb estão nitidamente entrelaçadas em seus textos. Porém, a aproximação entre autora e narradora se faz, às vezes, de maneira conflitante. A narrativa se inicia na terceira pessoa, com foco no Deus-tubo. Algumas páginas adiante, há o deslocamento narrativo para primeira pessoa; porém, não há referência nominal que identifique a protagonista/narradora à autora. Se não há identidade nominal, como falar de autobiografia? Sobretudo levando-se em conta a concepção tradicional do gênero autobiográfico, postulada por Phillippe Lejeune³, em 1975, que tem como condição a tripla identidade nominal entre autor, narrador e personagem.

E, se não há correspondência explícita, em **Metafísica**, entre o nome da autora e o da narradora, há constantes alusões nominais a membros de sua família, como o pai Patrick, a mãe Danielle, o irmão André e a irmã Juliette, assim como aos países formadores de sua identidade cultural, a Bélgica e o Japão. São estas algumas das questões apresentadas pela escrita autobiográfica de Nothomb, mostrando sua dificuldade em ser classificada como tal, através da ambigüidade com que a autora constrói as fronteiras entre ficção e realidade, grafia e biografia.

Em **Metafísica**, o tema da identidade cultural desperta especial interesse e mostra-se significativamente conectado ao projeto autobiográfico da autora.. Isto acontece devido ao fato de que a obra autobiográfica de Nothomb está ligada ao diálogo e ao confronto de culturas (belga e japonesa). A narradora nothombiana é construída a partir dos processos de

³LEJEUNE, Phillippe. **Le pacte autobiographique**. 1975:35.

deslocamentos, dividida entre duas identidades culturais opostas – Japão e Bélgica – e em constante tensão. É preciso, então, traçar um paralelo entre autobiografia e identidade, visto que a primeira põe em cena um conflito entre sujeitos e a segunda potencializa um confronto entre culturas. Confronto este presente não apenas em **Metafísica dos tubos**, mas em toda a sua obra autobiográfica, *Vida e obra*, narradora e autora; tudo se confunde.

O processo de escrita ao qual se lança a autora mostra-se como uma tentativa de fornecer coerência a uma identidade que se tornou dividida e fragmentada, composta por duas partes que não se completam. Dessa forma, o texto irônico, ambíguo e limítrofe de **Metafísica dos tubos** joga conscientemente com as fronteiras entre real e ficção. E, se a narrativa se inicia fazendo clara referência à criação do universo na Bíblia, o texto e o ciclo se encerram de maneira perfeita, com a serena afirmação: "Depois, não aconteceu mais nada". E abre-se a reflexão para leitor.